

SENTIDOS EMOCIONAIS E MORAIS DA AMIZADE: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES



Vol. 13 Número Especial

Jul/Dez. 2017

Ahead of Print

EMOTIONAL AND MORAL MEANINGS OF FRIENDSHIP: AN APPROACH FROM THE ANTHROPOLOGY OF EMOTIONS

Raoni Borges Barbosa¹

Mauro Guilherme Pinheiro Koury²

RESUMO: Este artigo discute os sentidos emocionais e morais do fenômeno da amizade em contextos interacionais e sociais da modernidade urbana a partir da perspectiva da Antropologia das Emoções. A amizade, desde uma leitura simmeliana e goffmaniana, e do social e da cultura, é problematizada como um microsistema organizacional e como um enquadre vulnerabilizado de interações, projeções e expectativas emocionais e morais reciprocamente dirigidas e administradas no cotidiano de atores e agentes sociais que se dispõem à construção de um sistema diádico de confiança, sofrimento e prazer.

PALAVRAS-CHAVE: Simmel, Goffman, Antropologia das Emoções, amizade

ABSTRACT: This article discusses the emotional and moral meanings of the phenomenon of friendship in the interactional and societal contexts of urban modernity from the perspective of the Anthropology of Emotions. The friendship, from a simmelian and goffmanian reading of the social and the culture, is problematized as an organizational microcosm and as a vulnerable frame of interactions, projections and emotional and moral expectations reciprocally directed and administered in the daily lives of actors and social agents that are building a dyadic system of trust, suffering and pleasure.

KEYWORDS: Simmel, Goffman, Anthropology of Emotions, Friendship

Em se tratando das sociabilidades urbanas pautadas na solidariedade, no reconhecimento, na reciprocidade e na intimidade, no contexto societal e interacional da modernidade

¹Graduado em Ciências Sociais pela Universität Osnabrück. Mestre em Antropologia pelo PPGA/UFPB. Doutorando em Antropologia pelo PPGA/UFPE. Pesquisador do GREM - Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções. Editor da Sociabilidades Urbanas - Revista de Antropologia e Sociologia. Editor da RBSE - Revista de Sociologia da Emoção. raoniborgesb@gmail.com

²Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba e Coordenador do GREM Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções. maurokoury@gmail.com

ocidental, a paixão, a amizade e o amor sexualizado constituem linguagens e gramáticas emocionais e morais de uma sociedade de indivíduos (ELIAS, 1994). Sociedade de indivíduos esta em que emerge uma cultura emotiva pautada em ideologias como o individualismo (DUMONT, 1993) e o consumismo (GIDDENS, 2013; KOURY, 2014), que podem ser entendidas enquanto modos de justificativa e de afirmação do self individual no jogo cotidiano de trocas materiais e simbólicas e de performatização de múltiplos papéis sociais e fachadas individuais e coletivas, característico das sociedades complexas atuais.

A partir da perspectiva da Antropologia das Emoções, e no interior de um contexto interacionista simbólico goffmaniano, e compreensivo simmeliano, Koury (2003, 2015) explora o fenômeno da amizade, é a entende como uma paixão sublimada na forma de um amor não sexualizado, que conforma o cotidiano dos jogos interacionais, as trajetórias e curvas de vida do homem comum na modernidade reflexiva. Simmel (1967, 1970, 1988, 1988a, 2005, 2013), por sua vez, aborda a questão da amizade no contexto urbano ocidental de crescente individualização e de fragmentação dos laços sociais tradicionais, cujo resultado é a privatização das emoções e da intimidade, classificadas como elementos não racionais e não sociais, mas pertencentes a uma esfera psíquica da existência humana ideologicamente dissociada do mundo das tramas relacionais. Goffman (2010, 2012), por fim, sugere uma apreciação teórica da amizade como ritual dramaturgicamente de autorregulação recíproca, de modo que os atores e agentes sociais em comunicação e co-presença desenvolvem linhas de ação e fachadas de apresentação pública que consolidam uma normalidade normativa capaz de administrar as tensões e os conflitos inerentes aos embarços e desconfortos da convivência e às assimetrias e falhas do intercâmbio moral, emocional, material e simbólico diários.

A amizade como código expressivo-comportamental

As tensões, as negociações, os desentendimentos, as violências simbólicas e físicas, assim como os segredos, medos, traições e manipulações, com seus possíveis estranhamentos e rupturas, - ao lado dos dividendos sociais que o vínculo implica na forma de segurança e reconhecimento, - caracterizam a experiência da amizade. Mais que um sentimento, a amizade é definida como código expressivo-comportamental e moral de sociedades individualistas.

A amizade, - com todo o desconforto, riscos e custos que lhe são inerentes, - ao ser vivida como aventura e risco, faz parte dos códigos individualistas de moralidade da modernidade em sua fase atual e reflexiva, em que espaços de consumo se ampliaram e as ideologias do trabalho e do progresso foram deixadas em segundo plano. Koury (2015), nesse sentido, aborda a questão da amizade a partir da perspectiva goffmaniana de que as emoções são construções sociais que emergem na interação.

As emoções, e as amizades enquanto sentimento, por conseguinte, são resultados de negociações tensas e indeterminadas, em que desponta o caráter transintencional e situado da ação e a natureza contingente e assimétrica da comunicação de conteúdos sociais pelos indivíduos em interação. Estes aspectos problemáticos da interação são definidos por Goffman como vulnerabilidades interacionais.

A amizade caracteriza um vínculo social de fortes exigências morais, porque fundado na liberdade individual, na lealdade, na confiança e na partilha de segredos e de intimidades. Este *Nós* relacional constitutivo do vínculo social, assim, conforma *individualidades em tensão*, em um jogo de mostrar-se e esconder-se do outro que define formas e limites da ação, ou seja, uma normalidade normativa que se expressa em comportamentos esperados.

O *Nós* relacional é entendido como um *Microcosmo Organizacional*, e como

Enquadre Vulnerabilizado (GOFFMAN, 2012), como um *Sistema de Confiança e de Expectativas* (GIDDENS, 2013) e, ainda, como uma espécie de *Comunidade de Sofrimento* (TURNER, 2013). As expectativas morais criadas na conformação do vínculo social são afeiçoadas por estratégias de controle de si e do outro, bem como por práticas punitivas de envergonhamento e amedrontamento do outro.

Estas práticas podem resultar em uma situação de engolfamento (SCHEFF, 1990), isto é, na tentativa de supressão da individualidade do outro, fazendo-a subsumir-se às regras do enquadre vulnerabilizado interacional. Em um artigo sobre o *Por que as amizades acabam*, Koury fala da complexidade da amizade usando os termos de vulnerabilidade e de tensão goffmaniano. Em suas palavras:

A amizade, para Goffman, [...], é ainda mais complexa e pode ser vista através da tensão e da vulnerabilidade trazida pelo enquadramento frágil porque baseado em pequenas ideias do outro que se afirma como amigo. A amizade, assim, é uma relação amorosa com enquadramento moral, através do qual os indivíduos nela envolvidos jogam cada qual um papel. (KOURY, 2015, p. 28)

Para ele, assim, a relação amorosa desenvolvida na amizade pode ser vista como um jogo de demonstra-esconde, por onde se constrói a confiança, Noção em que se assenta e se desenvolve a história natural de uma amizade, e se encontra presente em toda e qualquer situação processual de amizades. A confiança, destarte, envolve a amizade em um laço forte e poderoso que une os indivíduos nela envolvidos, e se fundamenta em dois “conceitos fundamentais para a análise [...] antropológica, os de Lealdade e de Fidelidade. Sem eles, a união amorosa que liga dois ou mais seres em um laço de amizade não sobrevive” (KOURY, 2012, p. 470).

A amizade, então, para Koury, é uma relação confessional. Uma situação processual onde “indivíduos promovem uma intensa interação baseada no compromisso de lealdade e fidelidade, oriundas da confiança mútua”. E lugar em que “o laço social gerado promove uma série de intimidades possíveis seguradas pela confiança mútua e pela garantia do segredo da revelação proporcionada pelo confiar questões íntimas ao outro relacional” (KOURY, 2012, p. 470).

Deste modo, o amigo é sentido como fonte e garantia de confiança e apoio. Sucede, porém, que toda confiança exige lealdade e a fidelidade (SIMMEL, 2004), e provas dela de modo permanente. O processo de amizade trás em si, assim, também, o problema da traição, o que torna a amizade, simmelianamente falando, em uma fonte possível de tensão, vulnerabilidade e de medos diários e corriqueiros de uma possível revelação de um parceiro a outro fora da relação, dos segredos mais íntimos construídos durante o processo que origina a trajetória, ou história natural, de uma amizade.

Daí, [a situação social da amizade] ser também fonte de preocupação permanente, pelo medo de ser traído. O que leva, em muitos casos, à necessidade permanente de renovação dos votos de confiança e de demonstração de lealdade e de fidelidade por parte daqueles envolvidos em uma ação de amizade (KOURY, 2012, p. 470).

O que torna a amizade uma situação processual vulnerável, por envolver, submergir e submeter os indivíduos nela expostos em/a uma

Rede frágil de onde emerge vez ou outra a tensão, sempre presente, de uma traição possível e do confiar desconfiante em que se situa e se mantém, em uma balança instável - no dizer eliasiano (Elias, 1994), - os vínculos entre os amigos” (KOURY, 2015, p. 28).

As amizades, de acordo com as análises desenvolvidas por Koury (2012, 2015), então, se orientam por uma moral e por códigos de ética rígidos que as legitimam perante as partes envolvidas, consolidando a situação de amigos, e resguardando o seu segredo intimamente desenvolvido na história natural de cada amizade, mas, ao mesmo tempo, a cristalização dos laços, arrastam esses mesmos amigos, a um redemoinho de tensões e de obrigações recíprocas, e de testes e provas de confiança e de lealdade e fidelidade ao outro relacional permanentes.

Essa moral e esses códigos são construídos no interior de cada relação de amizade e produtos de negociações constantes: passando de juras eternas de confiança, até as juras relacionadas a formas de agir, caso haja 'decepções' de uma das partes ou de todas as partes envolvidas (KOURY, 2012, p. 482).

O segredo da amizade, por conseguinte, como linha e fronteira moral que inclui os de dentro e exclui os de fora, marca a relação com uma identidade própria, a partir do que projetos, memórias e sentimentos comuns podem ser processualmente construídos. O que gera, por seu turno, movimentos expressivo-comportamentais de alto custo emocional e dor social para os *Eus* em jogo interacional no formato de amizade, tais como: os embaraços da co-presença cotidiana; o medo da traição e a angústia de sabê-la sempre possível; a vergonha de não corresponder às exigências da relação ou de ter seus segredos expostos; a mágoa e ressentimento por sentir-se usado ou não correspondido na medida idealizada; o ciúme em relação a possíveis concorrentes à posição social de amigo; a humildade para perdoar e “esquecer” as ofensas morais recebidas; o exercício renovado de desculpas de si e de justificações do outro para lidar com as banalidades cotidianas de desentendimentos e exigências mesquinhas; e a prática da obediência fingida, dos enfrentamentos para a demarcação de formas territoriais egocentradas e de defesa e preservação da face do outro.

A amizade como código societal individualista no urbano moderno

A amizade torna-se problemática com a emergência do *Eu psicológico* (VELHO, 1981) e do individualismo como ideologias próprias das sociedades capitalistas ocidentais. Simmel (1967, 1988, 1988a, 2005), neste sentido, entende a emergência da individualidade moderna a partir da economia monetária e da divisão social do trabalho, que promoveram uma libertação do indivíduo de constrangimentos éticos e pessoais ao dinamizarem as interações sociais em um ambiente urbano e ao excluírem a personalidade das transações monetárias.

Estes dois fenômenos fundam a cultura objetiva moderna, pautada em uma multiplicidade de vínculos e relações que se apresentam como pré-condição objetiva para o aparecimento do indivíduo psicológico. Esta situação de aproximação e estranhamento em relação aos outros, vivida na multiplicidade de vínculos emocionalmente fracos e de lealdades pontuais que caracterizam o espaço público da modernidade como contratual e racional, permite o desenvolvimento de uma consciência da independência individual face ao outro: o individualismo, assim, se consolida como ideologia da modernidade.

Simmel entende a metrópole, cenário sócio-técnico da modernidade, como uma sociabilidade caracterizada pela maior possibilidade de isolamento/liberdade individual em relação às formas e conteúdos sociais. O engajamento dos indivíduos no cotidiano da metrópole se dá mediante uma multiplicidade de laços de fidelidade, gratidão e lealdade não mais codificados como tradicionais e que não tomam a personalidade individual por inteiro. As formas sociais na metrópole, muito embora configurem amplas cadeias de interdependência, são menos engolfadas do que em situações comunitárias.

A pontualidade, a contabilidade, a exatidão, o cosmopolitismo, a impessoalidade, o anonimato, o prosaísmo, o embotamento da capacidade de discriminar (personalidade

zblasé) e a atitude de reserva (antipatia e aversão aos contatos íntimos no espaço público) caracterizam a vida na cidade grande e estão presentes em seu caráter intelectualístico e econômico-monetário redutor das qualidades à quantidade e à abstração de categorias analíticas universalizáveis. A metrópole é causa e efeito da racionalidade instrumental incorporada no psiquismo do homem moderno, cuja expansão da capacidade de dissociação psíquica é contrapartida da diferenciação social experienciada individualmente como desorganização normativa e pluralidade de vínculos sociais e estilos de vida.

A metrópole cria condições psicológicas específicas em um ritmo de vida acelerado e de múltiplas temporalidades e códigos de moralidade em disputa, uma vez que o vínculo único e total da comunidade foi substituído pela multiplicidade de vínculos frágeis e fugazes da metrópole. A liberdade, então, é a situação de dependências múltiplas, de modo que a personalidade individual não se encontra inteiramente submetida a um único vínculo, mas goza da liberdade de movimento, de gerar e quebrar laços sociais.

Este amplo movimento de *privatização das emoções*, afirma Koury (2015), faz das emoções um tabu: assunto privado e privativo que só diz respeito ao indivíduo em prazer ou em dor. Simmel, ao tratar da emergência da individualidade moderna, questiona sobre a formação da subjetividade nesta ordem social cada vez mais urbana, mercantil e socialmente plural e fragmentada.

Simmel argumenta que a economia monetária constitui o pano de fundo de todas as experiências da modernidade, em que o dinheiro se consolida como meio generalizado de comunicação e integração social, operando praticamente a totalidade das trocas materiais e simbólicas do jogo social. Neste sentido, o dinheiro possibilitaria a despersonalização das relações sociais e afrouxamento da solidariedade tradicional.

O dinheiro, como equivalente geral de todas as moedas sociais, reduz a qualidade à quantidade e transforma-se, gradualmente, de meio a fim absoluto, ou seja, o elemento regulador da vida prática, concedendo unidade a todas às contradições e multiplicidades do mundo e desencadeando o estresse na vida moderna em razão da busca desenfundado pelo dinheiro. Simmel argumenta, com efeito, que o indivíduo moderno se confronta com o mundo objetivo, produto do impulso genético humano, como objetivações autônomas que o constroem e o regulam como realidades alienadas de seus propósitos.

Nas palavras de Koury (2015, p. 26):

A emergência da individualidade no capitalismo ampliou, de um lado, as margens de liberdade dos indivíduos e as perspectivas de ser senhor do seu próprio destino, do cuidar de si, do administrar o encontro com outro real ou imaginado. Por outro lado, entretanto, estabeleceu na interação uma relação de troca onde o outro da relação é visto não somente como alguém ideal para companhia e trocas emocionais do bem viver, mas também, e principalmente, como alguém que disputa consigo um lugar situacional em um contexto dado e específico.

Esta é a *Tragédia da Cultura* (SIMMEL, 1988a), em que as coisas, a cultura objetiva, domina o indivíduo, a cultura subjetiva. Este mesmo raciocínio é aplicado por Simmel para tratar da amizade e de outras formas de amor como experiências problemáticas, de uma perspectiva cotidiana e existencial.

Nestes fenômenos também se observa a *Tragédia da Cultura*, ou seja, a autonomização ou alienação do *Nós moral* (objetivo, exterior e coercitivo) dos impulsos genéticos dos “Eus individuais” que o fundaram. O modelo simmeliano de análise do social enquanto formas de socição que geram sociabilidades, tensas e indeterminadas, aparece nas suas considerações sobre as consequências sociológicas da geometria social.

Os *Eus individuais*, definidos por Simmel como culturas subjetivas ou conteúdos sociais, são os portadores dos desejos e impulsos que se expressam socialmente nos encontros sociais, gerando, assim, na interação negociada (diádica, triádica ou na multidão),

as formas sociais ou culturas objetivas. Simmel pontua, deste modo, a diferença e a distância, mas também a codependência e a co-evolução da dimensão psíquica e social humanas: o indivíduo, ao constituir-se como pessoa, como indivíduo moral, constrói e aprende um vocabulário emocional e expressivo-comportamental que o molda enquanto corpo, mente e desejo aptos para a interação.

A amizade, neste sentido, no exercício cotidiano das experiências entre amigos, forma sensibilidades próprias para os projetos, memórias e linguagens da interação, cujo princípio fundamental de ordem, segundo Goffman, assíduo leitor de Simmel, é a preservação da fachada. A sobrevivência do indivíduo moderno, pontua Simmel, implica na capacidade do mesmo em exercitar estratégias de distanciamento social e simbólico em situações de intensa proximidade física, próprias da metrópole.

A metrópole, com efeito, é definida como a mais paradoxal das comunidades humanas já inventadas, pois combina intensa proximidade física em situações e contextos de intensa distância e diferenciação social. Em tal cenário, Simmel aponta para como o indivíduo deve aprender a “ser diferente” e a administrar, em linguagem goffmaniana, sua face/fachada, auto-estima e conhecimento de si nos breves e escassos encontros com o outro relacional, no mais das vezes um desconhecido que exercita um papel social e culturalmente esperado no jogo interacional.

A amizade como ritual dramático de autorregulação recíproca de fachadas e linhas expressivo-comportamentais de ação e de apresentação pública

Goffman leva adiante o projeto simmeliano de entendimento do social como sociabilidade negociada, em que há uma disputa sempre tensa pela definição ou enquadre situacional por parte dos Eus em interação que conformam o Nós moral da amizade, da paixão ou do amor. Neste sentido, Goffman faz uma análise dos princípios rituais da interação, em que a fachada constitui o fundamento da ordem interacional e os indivíduos sociais interagem como atores sociais reflexivos no âmbito de uma situação.

A situação social se organiza como ordem normativa, expressiva e comportamental e como fluxo de conteúdos sociais acomodados na forma situacional. Na situação, os indivíduos em interação acomodam o enquadre vulnerabilizado que define a forma social que os vincula, como, por exemplo, a amizade. Aí se situam as vulnerabilidades próprias da interação.

A situação, assim, compreende a classe de eventos caracterizada pela copresença de atores sociais, brevidade temporal, limitação espacial, materiais comportamentais (olhadas, gestos, posicionamentos, enunciados verbais) e ações reciprocamente orientadas no contexto de turnos de fala, ocasiões, ajuntamentos e intercâmbios sociais ritualmente iniciados e concluídos. A interação ritual se organiza basicamente como um encontro social em que no mínimo dois atores se apresentam como linha e fachada para o outro relacional.

A linha compreende o padrão interacional do *Eu*, que se estabiliza para si e para o outro, enquanto que a fachada é o valor social positivo que o *Eu* reivindica a partir dos atributos sociais de sua linha. Linha e fachada, como momentos do *Eu* socialmente integrado, implicam no compromisso de manter reputações, status/papel/prestígio, direitos/obrigações, performances e sensibilidades identitárias. O constrangimento recíproco é o elemento fundamental da ordem moral, regulando a ordem expressiva e emocional possível.

Goffman enfatiza a ligação emocional que o *Eu* desenvolve em relação à fachada, de modo que a fachada, como constructo derivado das regras do jogo e das definições da situação, atravessa a subjetividade e se localiza difusamente no fluxo de eventos no encontro

(no espaço simbólico entre os Eus). A fachada individual diz respeito à ordem interacional do encontro e à sociedade mais ampla, muito embora haja limitações nessa interdependência impostas por práticas como segredo, evitação, isolamento, liberdade, segregação de papéis e de platéias da interação.

A relação linha – fachada aponta para a noção goffmaniana de social como sistema de expectativas de expectativas, em que a confiança em si e no outro relacional, derivada da confiança nas regras do jogo, é o operador básico de uma sintaxe interacional perpassada por vulnerabilidades, riscos e patologias próprias da interação. Os *Eus* em interação respondem aos riscos dos encontros sociais com estratégias como aprumo, salvar a fachada, dar a fachada. Ao manter a ordem moral em fluxo, os atores se mostram orgulhosos, honrados e dignos em relação à fachada que sentem como propriedade do *Eu*, muito embora seja um empréstimo e uma forma de coerção e controle do social.

Neste sentido, Goffman (2010, 2012) aponta para o caráter dúbio da vergonha e do constrangimento social: *peessoa de vergonha* e *peessoa sem vergonha* aparecem como expressões que indicam a vergonha não somente como limitação à ação legítimas, mas também como aptidão do ator social para o jogo interacional. Nas palavras de Goffman (2012, p. 17):

Ao entrar numa situação em que recebe uma fachada para manter, essa pessoa assume a responsabilidade de vigiar o fluxo de eventos que passa diante dela. Ela precisa garantir que uma ordem expressiva particular seja mantida [...].

O autor discorre, ainda, sobre o desconforto da copresença e sobre o custo emocional e social das expectativas morais projetadas na interação nos seguintes termos:

Acima de tudo, o constrangimento tem a ver com a figura que o indivíduo representa diante dos outros considerados presentes naquele momento. A preocupação crucial é a impressão que se dá sobre os outros no presente [...]. (p. 96).

Goffman discorre, ainda, sobre um vocabulário próprio de situações de constrangimento, em que o *Eu* está presente, mas não em “jogo” em razão da quebra de expectativas morais em relação aos Eus em jogo. As vulnerabilidades interacionais apontam para uma necessidade constante de administração de situações de constrangimento, em que transgressões de fronteiras e hierarquias sociais e do sistema de posições status/papel/prestígio/performance podem ocasionar na perda da fachada dos atores sociais envolvidos em uma ordem moral, expressiva e emocional dadas.

Goffman aponta para estratégias de aprumo, cegueira diplomática, segregação de papéis, platéias e informações, e outras formas de evitação como práticas cotidianas, mesmo inconscientes, de se lidar com o constrangimento cotidiano, de modo a preservar a fachada e a ordem interacional. A amizade, o ser amigo, portanto, implica em uma habilidade social e em uma perceptividade aprendidas na experiência de evitar o vexame e o constrangimento social extremo, mantendo a interação abaixo do ponto crítico de tolerância ao desconforto que pode desencadear situações de ira/raiva-violência e de humilhação-depressão.

Para Goffman, a regra do auto-respeito e da consideração pelo outro são elementos da mesma ordem e refletem o compromisso de não destruir a ordem interacional: a manutenção da fachada é condição da interação, ainda que as regras e a etiqueta do jogo não signifiquem o jogo real, com suas possibilidades de desfiguração, humilhação e manipulação do outro. O repertório social e cultural das formas de preservar a fachada revela as regras do tráfego da interação social, pois compreende os meios (normas) e fins (valores) legítimos da ação, em que o *Eu*, como imagem par si e para o outro e como jogador num jogo ritual, se apresenta como elemento sagrado do jogo social.

A preservação da fachada implica em perceptividade (tato, diplomacia, habilidade social): a capacidade reflexiva do ator social em antecipar ações e em se *outrar* (assumir

hipoteticamente a perspectiva analítica e axiológica do outro). Goffman, neste sentido, apresenta três tipos básicos de preservação da fachada:

O processo de evitação: o ator social perceptivo evita forçar/transgredir as fronteiras e hierarquias sociais; segreda conteúdos próprios de escalas culturais; segrega papéis e platéias; administra informações sensíveis; age discreta e cortesmente; faz uso da cegueira diplomática e dos segredos de polichinelo.

O processo corretivo: o ator social perceptivo corrige uma situação de desequilíbrio ou desgraça ritual, de modo a preservar a fachada e o fluxo de eventos da interação. Goffman discorre sobre a redefinição da situação (era brincadeira; não significava isso; há mais coisas além disso), a compensação pela ofensa (desculpa) e a punição/penitência/expiação do agressor como elementos do intercâmbio social (ritual de reconhecer o incidente, atribuir culpa e restabelecer a ordem moral e expressiva transgredida) que compõem o processo corretivo. O processo corretivo mal-sucedido pode redundar em escândalo, desequilíbrio ritual prolongado e destruição da interação (Fim da Amizade).

Cooperação na preservação da fachada: função integradora da etiqueta; sinalização por meio de dicas e indiretas (ironia); autonegação recíproca.

Nas palavras do autor (GOFFMAN, 2012, p. 37), a pessoa, o ator social, constitui e se expressa como um objeto ritualmente delicado, que pode ser arrastado pelas vulnerabilidades interacionais:

Quando uma pessoa realiza a preservação da fachada, junto com seu acordo tácito de ajudar as outras a realizar a delas, isto representa sua disposição em obedecer às regras básicas da interação social. Eis o símbolo de sua socialização enquanto um participante da interação.

Goffman, em síntese, argumenta que a interação ocorre e é bem sucedida, apesar de suas vulnerabilidades inerentes, em razão da sua conformação como ordem ritual, em que linhas de ação se acomodam com a linha e a fachada de cada Eu em jogo interacional. Esta ordem ritual é entendida por Koury, no caso particular da amizade como vínculo social, expressa a partir de um código expressivo-comportamental e moral de sociedades individualistas, que abarca o desconforto, os riscos e os custos de um interação íntima, mas também o prazer, a segurança e a confiança próprias do ser amigo.

Neste exercício tenso e indeterminado de socialização ocorre a construção social negociada do *Eu* e da realidade ou do mundo social. O princípio da preservação da fachada se apresenta como fundamental na ordem ritual, que é essa forma autorreguladora, autorreferente e recíproca que emerge como precipitado da experiência interacional, sempre contingente e perigosa.

O social, em sentido lato, e a amizade, tomada como exemplo de um microcosmo organizacional, só é possível, para Goffman (2012, p. 49) na interação de atores sociais autorreguladores em encontros sociais.

A natureza humana universal não é uma coisa muito humana. Ao adquiri-la, a pessoa se torna uma espécie de construto, criada não a partir de propensões psíquicas internas, mas de regras morais que são carimbadas nela externamente. Essas regras, quando seguidas, determinam a avaliação que ela fará sobre si mesma e sobre seus colegas participantes no encontro, a distribuição de seus sentimentos, e os tipos de práticas que ela empregará para manter um tipo especificado e obrigatório de equilíbrio ritual.

Esta autorregulação ritual que implica no desenvolvimento de fachadas e linhas expressivo-comportamentais individuais e coletivas permite a preservação tensa do jogo interacional com todos os seus medos, constrangimentos, riscos e vulnerabilidades.

Considerações finais

O presente artigo buscou apresentar e problematizar, de uma perspectiva da Antropologia das Emoções, as abordagens de Simmel e de Goffman sobre o fenômeno da amizade. Nesse sentido, a amizade foi explorada como código expressivo-comportamental, como código societal individualista no urbano moderno e, por fim, como um ritual dramático de autorregulação recíproca de fachadas e linhas expressivo-comportamentais de ação e de apresentação pública.

A amizade foi, portanto, a chave analítica para a discussão e compreensão da normalidade normativa no contexto societal e interacional da sociedade complexa ocidental. Sociedade esta construída em tramas relacionais tensas de vínculos individualizados, em um cenário predominantemente urbano, e cada vez mais impessoalizados. Em tal contexto societal e interacional de privatização das emoções, a amizade desponta como código moral e emocional e como associação diádica privilegiada, que combina uma maior liberdade individual de escolhas em relação ao engate e desengate de relações e, também, o compromisso de manutenção e de preservação de fachadas individuais e coletivas nos cenários arriscados, plurais e anônimos da metrópole moderna.

REFERÊNCIAS

- DUMONT, Louis. [1983]. **O Individualismo: uma perspectiva da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 11-31, 1993.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- GIDDENS, Anthony. Goffman: um teórico social sistemático. In: Maria Claudio Coelho (Org. e tradução). **Estudos sobre interação: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 285-327.
- GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: Ensaio sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da Emoção: O Brasil urbano sob a ótica do luto**. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Amizade e modernidade. **RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 11, n. 32, p. 469-84, agosto de 2012.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Estilos de Vida e Individualidade: Escritos em Antropologia e Sociologia das Emoções**. Curitiba: Ed. Appris, 2014.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Por que as amizades acabam? Uma análise a partir da noção goffmaniana de vulnerabilidade. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones Y Sociedad**, v. 7, n. 17, 2015, p. 20-31.
- SCHEFF, Thomas J. **Microsociology: discourse, emotion and social structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- SIMMEL, Georg. A vida mental e a metrópole. In: O. G. VELHO (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 13-28, 1967.
- SIMMEL, Georg. O indivíduo e a diáde. In: Fernando Henrique Cardoso & Octávio Ianni (Orgs). **Homem e Sociedade**. 5ª edição, São Paulo: Editora Nacional, 1970, p. 128-135.
- SIMMEL, G. [1896] O dinheiro na cultura moderna, In: SOUZA, J., OÉLZE, B. (orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora UnB, 1988, p. 41-77.
- SIMMEL, G. [1900] A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva, In: SOUZA, J., OÉLZE, B. (orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora UnB, 1988a, p. 23-40.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, v. 11, n.2, p. 577-591, 2005.
SIMMEL, Georg. A tríade. In: Maria Claudio Coelho (Org. e tradução). **Estudos sobre interação: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 45-74.
TURNER, Victor. [1969]. **O Processo ritual: Estrutura e antiestrutura**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: Gilberto Velho, **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

Recebido em: 30/10/2017
Aprovado em: 13/10/2017